

# O espaço mítico na obra camoniana: *Sião* e *A Ilha dos Amores*

*Thayse Leal Lima*

Universidade Federal de Minas Gerais

Mas a fraqueza humana, quando lança  
Os olhos no que corre, e não alcança  
Senão memória dos passados anos,  
As águas que então bebo e o pão que como  
Lágrimas tristes são, que eu nunca domo,  
Senão com fabricar na fantasia  
Fantásticas pinturas de alegria.

Camões - *Canções*

## Introdução

O “Desconcerto do mundo”, tema fundamental da poética camoniana, é definido pelo sentimento de descontinuidade e frustração do poeta com relação ao mundo exterior, percebido como lugar perturbado e desarmonioso. Essa desarmonia que também é responsável pela constante busca do sujeito poético pela completude, esteja ela no amor ou no sagrado. O poema “Sôbolos Rios” e o episódio da Ilha dos Amores narrado em “Os Lusíadas” caracterizam essa procura do sujeito camoniano pela harmonia ideal, ambos narram a aliança com o divino (ou o desejo de que essa ocorra) num espaço mítico.

Neste trabalho pretendemos efetuar um estudo comparativo entre o poema lírico “Sôbolos Rios” e o episódio referente à Ilha dos Amores, narrado no canto IX de “Os Lusíadas”, analisando como neles é retratado o espaço mítico. Em “Sôbolos Rios” esse espaço será representado por Sião, mito bíblico da terra prometida, e na epopéia será a Ilha dos Amores, paraíso instaurado na terra pelos deuses.

Apesar de apresentarem diferentes configurações esses poemas trazem à tona a tópica do descontentamento com o real, o qual engendra o desejo por uma pretensa totalidade nunca alcançada.

## **Sião: lugar de memória**

“Não há outros paraísos senão os paraísos perdidos.”

Jorge Luiz Borges

A frase do escritor Jorge Luiz Borges define de forma precisa um dos temas recorrentes da tradição lírica ocidental: a idealização do passado. Ela demonstra que o paraíso só é possível como uma experiência acabada que projeta um passado ideal. Ao contrário do presente que sempre se renova pelas experiências revelando as falhas do indivíduo e do mundo, o passado pode ser retomado em sua totalidade. Às renovadas frustrações do tempo da experiência – dentre elas a insegurança de não saber em que acarretará seu transcurso – o passado oferece um lugar livre para a idealização por estar isento da dinâmica do tempo. Desde o século de Camões até os tempos de Borges o passado tem sido o lugar eleito pela poesia para erguer as ilhas de perfeição, as quais se definem como um “lá” ideal, temporalmente e espacialmente alhures da experiência presente, o “aqui” do poeta.

O poema “Sôbolos Rios” é representativo dessa temática pois retrata tal idealização, bem como o seu oposto, a decadência da realidade presente:

Sôbolos rios que vão  
Por Babilônia, me achei,  
Onde sentado chorei  
As lembranças de Sião  
E quanto nela passei.

Ali, o rio corrente  
De meus olhos foi manado;  
E, tudo bem comparado,  
Babilônia ao mal presente,  
Sião ao tempo passado.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> CAMÕES, 1995. p. 75.

Os versos iniciais indicam a oposição espaço-temporal em torno da qual o poema irá se constituir. A Babilônia degradada é o espaço da experiência presente do eu-lírico, Sião, ao contrário, existe como lembrança de algo distante no tempo e no espaço. Os dois lugares funcionam como metáforas respectivamente do desconcerto do mundo, e do seu oposto, a perfeição do sagrado.

A rememoração do passado perfeito é fonte tanto de alegria quanto de amargura para o eu-lírico, pois se por um lado oferece uma visão regozijante, também desvela a degradação do presente. Disso nasce o caráter dialético do poema, o qual converte a harmonia passada em melancolia presente. O descontentamento atual nasce exatamente da constatação de que a perfeição é perdida.

A tradição crítica tem insistido na idealização do paraíso como uma marca do transcendentalismo da poesia camoniana a qual, por isso, demonstraria reflexos da filosofia platônica, bem como da corrente neoplatônica na sua composição. Segundo essa análise<sup>2</sup>, Sião assinala a afirmação da ascese como uma saída à imperfeição do real. No entanto, percebe-se que caso isso ocorresse o poema expressaria antes um tom de esperança e de fé que a angústia e tristeza efetivamente predominantes. Ao contrário dessas leituras, percebemos que em Camões, o espaço idealizado funciona não como uma opção pela transcendência, mas como um contraponto à realidade, revelando suas misérias e o seu desconcerto.

Em “Sôbolos Rios”, assim como em quase toda a lírica camoniana, nem mesmo o que deveria ser uma solução para o desconcerto oferece conforto ao poeta. A respeito disso, Sônia Viegas<sup>3</sup> constata que Sião funciona como uma inversão da utopia, pois, à medida que o poema avança, o sujeito antes se distancia que se aproxima do paraíso sonhado. A passagem do tempo e as transformações que este acarreta aumentam a angústia do sujeito:

E vi que todos os danos  
Se causam das mudanças  
E as mudanças dos anos;  
Onde vi quantos enganos  
Faz o tempo às esperanças.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Sobre o assunto, consultar MENDES, 1979. p. 11-150.

<sup>3</sup> VIEGAS, 1938. p. 35-54.

<sup>4</sup> CAMÕES, 1995. p. 75.

Dessa forma, não há o bálsamo da transcendência que se esperaria da idealização de Sião. Do passado de perfeição, resta ao sujeito somente a memória. Entretanto, como a lembrança da felicidade não é mais a felicidade, e constatando que esta se encontra para sempre perdida, a própria memória de Sião transforma-se em algo ruim: “Vi que todo bem passado/ Não é gosto mas é mágoa”. A conversão do que deveria ser positivo, “o bem”, em algo negativo, a “mágoa”, mostra como nem mesmo o paraíso serve de consolo ao poeta, ao contrário, revela a degradação efetuada pelo tempo.

A configuração temporal nesse poema encontra-se definida, então, nos seguintes termos: o presente é onde se manifesta o desconcerto e o passado não oferece refrigério ao sujeito pois revela o poder do tempo em tudo deteriorar e tornar distante. Ademais, a própria realidade presente engendra as barreiras à transcendência, uma vez que representa o espaço da experiência humana da carne e do pecado:

E tu, ó carne que encantas,  
Filha de Babel tão feia,  
Toda de miséria cheia,  
Que mil vezes te levantas  
Contra quem te senhoreia,<sup>5</sup>

Em resumo, a ascense é dificultada pelos pecados engendrados na própria experiência atual, o que torna o homem irremediavelmente apartado do divino. Babel é o lugar do cativo, não só porque define o desterro da pátria divinal, mas porque ela representa o próprio aprisionamento do sujeito à sua condição humana:

Mas em vida tão escassa  
Que esperança será forte?  
Fraqueza de humana sorte,  
Que quanto da vida passa  
Está recitando a morte!<sup>6</sup>

O poema “Sôbolos Rios” aproximar-se-ia do pensamento neoplatônico apenas na sua idealização de um mundo perfeito. Por outro lado,

---

<sup>5</sup> CAMÕES, 1995. p. 84.

<sup>6</sup> CAMÕES, 1995. p. 78.

Camões conservou somente a porção pessimista desse pensamento, isto é, a condenação da experiência terrena como domínio do desconcerto e da descontinuidade humanas. Não compartilha, entretanto, de sua porção otimista: a fé na ascese ao paraíso<sup>7</sup>.

A obra camoniana dramatiza o desespero do homem que se percebe enquanto ser descontínuo e, acima de tudo, duvidoso da possibilidade de completude. Nesse sentido, ela antecipa características da lírica moderna uma vez que representa o sujeito que se questiona sobre o mundo ao seu redor e desconfia da superação de sua condição humana, ou seja, desconfia da transcendência. O resultado é o desespero advindo da constatação de sua própria incompletude e da percepção do mundo como o lugar do desconcerto. O sujeito então é condenado à eterna busca da totalidade, que procura realizar através da experiência amorosa ou na concepção de um mundo ideal. Todavia, percebe-se ao longo da obra camoniana que a completude nunca é alcançada, ou porque a experiência amorosa não se realiza, ou porque o mundo ideal é imaginação poética, simulacro, do que permanece o desejo, motor da poesia.

De tal forma esse desejo vai mover a lírica camoniana que podemos definí-la em termos de uma poética do “sujeito desejante”. A dialética do pensamento camoniano é articulada em torno desse desejo: a frustração com a realidade provoca a idealização que não sendo suficiente para apaziguar o sujeito, converte-se em fonte de outras frustrações.

A reflexão sobre o fazer poético mostra-se como outro tema de extrema importância nesse poema. Percebe-se que a escrita ocupa um papel central no resgate do mundo ideal. O paradoxo aparecerá novamente na oscilação entre a afirmação da poesia como espaço de resgate do passado e, ao mesmo tempo, a acusação de sua incapacidade de intervenção no presente. Diante da deterioração impressa pelo tempo, o canto (ou a poesia) torna-se estéril, e por isso é recusado pelo poeta:

Assim, depois que assentei  
Que tudo o tempo gastava  
Da tristeza que tomei

---

<sup>7</sup> No ensaio anteriormente citado, Sônia Viegas destaca o modo enviesado pelo qual ocorre a aproximação entre o poema camoniano e a filosofia platônica.

Nos salgueiros pendurei  
Os órgãos com que cantava<sup>8</sup>

Todo o sentimento de melancolia e descrença que perpassa o poema encontra-se resumido nesses versos. Eles deflagram a falência da arte diante do mundo corrompido. Nas passagens onde ainda há uma descrição otimista sobre a influência do canto na natureza, este aparece associado a Sião, isto é, somente na pátria querida é possível entoar o canto ideal. Isso aponta para o fato de que a potência de intervenção da arte só é atualizada no espaço idealizado: “Frauta minha que, tangendo/ Os montes fazíeis vir/P’ra onde estáveis, correndo”. No mundo imperfeito representado por Babel, no entanto, o canto é incapaz de intervir de modo renovador sob o mundo desconcertado:

Não movereis a espessura  
Nem podereis já trazer  
Atrás vós a fonte pura  
Pois não pudestes mover  
Desconcertos da ventura<sup>9</sup>

Por outro lado, se a arte não pode mudar o que já está dado no presente, ela é lugar de conservação do passado. À Babel desconcertada a poesia estéril é interdita, mas ela tem sua importância retomada, uma vez que sirva à memória de Sião :

Porém se, para assentar  
O que sente o coração,  
A pena já me cansar,  
Não canse para voar  
A memória em Sião.

Terra bem-aventurada,  
Se por algum movimento,  
Da alma me fores mudada,  
Minha pena seja dada  
A pépetuo esquecimento.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> CAMÕES, 1995. p. 76.

<sup>9</sup> CAMÕES, 1995. p. 77.

<sup>10</sup> CAMÕES, 1995. p. 80.

Nesse trecho, a poesia que havia sido rejeitada como forma de regeneração da realidade, tem revelada a sua verdadeira função que seria a de resgatar a memória. Desse modo, ela constitui-se como o único lugar onde é possível ao poeta o encontro com o paraíso mítico.

O papel da poesia irá variar consoante ela sirva ao presente ou ao passado. Voltada para o presente ela é fonte de tristezas e amarguras, porque além de ser incapaz de intervir no curso da experiência, ela também revela as falhas do mundo. Associada ao passado, a poesia, através da escrita, será exaltada como forma de construção da memória.

Contudo, podemos afirmar que “Sôbolos Rios” constrói-se como um elogio ao poder da escrita como única capaz de promover através da imaginação o alcance da “pátria divina”:

Que a alma é tábua rasa  
Que com a escrita doutrina  
Celeste tanto imagina,  
Que voa da própria casa  
E sobe à pátria divina.<sup>11</sup>

Camões não fecha o poema, isto é, não soluciona o desconcerto. Ao final, a transcendência permanece como desejo não realizado. O eu-lírico contempla Sião à distância e continua preso à Babel, plano real. O paraíso sagrado permanece como um ideal quase impossível de ser alcançado pelo sujeito, que se encontra submetido à sua condição humana e pecadora. Somente a poesia permite sonhar o que se encontra para sempre perdido.

## Ilha dos Amores: mito e realidade

Que as imortalidades que fingia  
A antigüidade, que os ilustres ama(...)  
Não eram senão prêmios que reparte,  
Por feitos imortais e soberanos,  
O mundo co'os barões que esforço e arte  
Divinos os fizeram sendo humanos.

Camões - Os Lusíadas

---

<sup>11</sup> CAMÕES, 1995. p. 81.

A Ilha dos Amores, episódio do canto IX de “Os Lusíadas”<sup>12</sup>, narra a criação, por Vênus, de um espaço mítico para regalo dos navegadores portugueses e recompensa pelas dificuldades enfrentadas ao longo da viagem:

Depois de ter um pouco revolvido  
Na mente o largo mar que navegaram,  
Os trabalhos que pelo deus nascido  
Nas Anfioneias Tebas se causaram,  
Já trazia de longe no sentido,  
Pera prêmio de quanto mal passaram,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,  
No reino de cristal líquido e manso.<sup>13</sup>

De forma mais ampla esse episódio opera como um ponto fundamental na epopéia, pois culmina a mitificação da história portuguesa, decorrente principalmente do acesso de seus heróis ao espaço mítico representado pela Ilha.

No plano estrutural, a passagem irá reunir as duas narrativas que eram alternadas ao longo do poema: a narrativa histórica, que trata da viagem de Vasco da Gama e da história de Portugal; e a narrativa mítica, tocante à intervenção dos deuses nas ações humanas. A conjunção dessas instâncias narrativas é acompanhada, no plano das ações, pelo encontro entre o profano e o divino, dado pela entrada dos navegadores na Ilha criada pelos deuses. Esse episódio implicará, portanto, a instauração do paraíso mítico sobre a terra.

Ao contrário do que ocorre no poema “Sôbolos Rios”, no qual o paraíso mítico existe somente enquanto memória, em “Os Lusíadas” ele se encontra no presente da narrativa. A Ilha é descrita como um paraíso mítico que é alcançado pelos homens e, por isso, a completude nela encontrada não poderia ocorrer senão através de experiências plenamente vividas pelos navegadores. De fato, esse episódio retoma o ideal da totalidade através da experiência do sagrado e da realização amorosa. Essa última, inclusive, define contornos bastante humanos (e humanistas) para o episódio, uma vez que implica a satisfação dos prazeres do corpo e não apenas do espírito.

---

<sup>12</sup> CAMÕES, 1986.

<sup>13</sup> CAMÕES, 1986. p. 197.



Os espaços míticos representados por Sião, em “Sôbolos Rios” e pela Ilha dos Amores em “Os Lusíadas” guardam configurações e significados diferentes mas, sob certo aspecto, complementares. A Ilha simboliza o alcance de todo o desejo por completude e harmonia que aparece não apenas em “Sôbolos Rios”, mas ao longo de toda a obra camonianiana. Em termos comparativos, Sião define-se como o eterno passado só acessível ao indivíduo enquanto memória. A Ilha dos Amores, por sua vez, é descrita como um presente dos deuses aos homens e, a despeito do seu caráter divino, encontra-se no plano terreno de modo a ser completamente – e humanamente – vivenciada pelas personagens. A partir dessa conjunção de planos cria-se a ambivalência da ilha, que sendo lugar do profano e do sagrado, poderia permitir a realização da totalidade do homem como ser físico e espiritual. De certa forma, o episódio demonstra que aquilo que era impossível em Sião, é completamente realizado na Ilha: tanto o retorno ao paraíso como a satisfação dos desejos. Sob esse aspecto, o episódio enfocado representa uma solução (fugaz e imaginosa) para o problema da incompletude humana – tema central da poética camonianiana – que definia o homem como eterno ser desejan-te.

Os diferentes sistemas mítico-religiosos em que Camões baseou-se para compor os dois paraísos míticos são fundamentais na determinação dos significados que cada um deles abarca. Enquanto Sião é extraída do mito judaico-cristão da terra prometida, a Ilha dos Amores relaciona-se aos mitos greco-romanos. Com efeito, a cultura e a filosofia clássicas foram retomadas durante o Renascimento e serviram de base ao Humanismo Seiscentista, corrente de pensamento que tem no homem o cerne de suas preocupações. A criação de um paraíso mítico regido por deuses pagãos torna possível a manifestação de um conteúdo humanista nesse episódio, pois, permite que ocorra a realização amorosa e o acesso ao saber, ambos proibidos pela moral cristã. De fato, na ilha simboliza a conciliação otimista entre o corpo e o espírito, realizando, assim, um dos grandes ideais humanistas. Somente num lugar regido por deuses pagãos, o interdito do conhecimento – causa da condenação do homem à sua condição mortal e incompleta segundo a teologia – poderia ser quebrado, tal como ocorre no episódio da “Máquina do Mundo”. De certo modo, a revelação dos segredos do mundo que ocorre na Ilha, opera como uma inversão do mito cristão da expulsão do paraíso. O conhecimento, causa do rompimento entre homens e deuses, na epopéia coroa o retorno dessa aliança, pois marca o momento em que é dado ao homem, “bicho da terra

tão pequeno”, acesso ao saber divino. Enquanto na Bíblia o acesso ao saber marca a expulsão do paraíso, no episódio analisado ele marca o retorno, pois sela a completa comunhão com os deuses.

Além dos sentidos estruturais e poéticos já apontados, poderíamos afirmar que o referido episódio desempenha também uma função ética, não só na epopéia mas dentro de toda a obra camoniana, pois funciona como uma saída para o problema do desconcerto. Conforme observou Jorge de Sena<sup>14</sup>, a ilha realiza uma espécie de catarse de todos os flagrantes de desconcerto narrados ao longo do poema, tais como a fábula do Gigante Adamastor, a “Tragédia de Inês de Castro” e outros malogros da história de Portugal. Essas passagens que descrevem tragédias, amores frustrados, guerras e toda sorte de miséria enfrentadas pelos homens funcionam como metonímias do desconcerto do mundo. O espaço mítico é um contraponto a todas essas histórias, um elemento que irá não apenas aliviar as misérias por elas apresentadas, mas também irá expurgá-las. Por isso deflagra o restabelecimento da tão almejada “harmonia” que em “Sôbolos Rios”, como de resto em toda a obra camoniana, existe somente como desejo.

O retorno da harmonia ocorrerá sobretudo através do amor que na Ilha é realizado em sua plenitude. Certamente, o amor adquire importância central não só no episódio enfocado mas em todo o poema. Não é sem propósitos que seja Vênus, alegoria do amor, a deusa que protege e guia o povo lusitano. Isso outorga aos eventos descritos sobre a História de Portugal – como as guerras, as navegações e as conquistas – um sentido maior e mais elevado, que seria a luta em prol do restabelecimento do amor no mundo. A realização desse ideal estaria representado na instauração do paraíso mítico.

O Amor é responsável não apenas pela catarse da história portuguesa mas também de toda a humanidade. Como bem definiu Jorge de Sena, os prazeres gozados pelos navegantes não funcionam apenas como uma forma de recompensa pelos maus passados, eles antes definem a guerra movida pelos deuses contra o desconcerto, ou seja, contra a falta de amor no mundo:

E vê do mundo todo os principais  
Que nenhum bem púbrico imagina,

---

<sup>14</sup> SENA, 1962.

Vê neles que não têm amor a mais  
Que a si somente, e a quem a Filáucia ensina<sup>15</sup>

Antes de levar os navegadores para a ilha, Vênus pede ajuda ao seu filho, Cupido, para que ele, através de suas setas, espalhasse o amor sobre a terra. A importância do amor advém do fato de ser ele a mola da existência humana, ou seja, ele engendra e renova a vida: “Não somente dá vida aos feridos/ Mas põe em vida os inda não nascidos.” No entanto, o mesmo sentimento que salva também é responsável por “amores mil desconcertados/Entre o povo ferido miserando”, resultado dos “tiros desordenados” dos cupidos. Ou seja, o amor é fonte de desconcertos outros, tal como o comprovam os desencontros e as frustrações amorosas retratadas por boa parte da lírica camoniana. Ainda assim, a Ilha dos Amores vai significar, segundo Jorge de Sena: “ o restabelecimento da harmonia do mundo, de modo que a consagração e a transfiguração mítica dos heróis, que na ilha e pela ilha opera-se, são também, e sobretudo, a recolocação do amor, do verdadeiro amor, como centro da harmonia do mundo”<sup>16</sup>. A consumação dos desejos retoma a eterna vontade de completude do sujeito camoniano e, ao mesmo tempo, representa a catarse do próprio desconcerto narrado em sua obra. Desse modo, o que permaneceu insolúvel em “Sôbolos Rios” encontra sua realização na Ilha dos Amores, que recupera em termos simbólicos a totalidade perdida.

Todavia, faz-se necessário ressaltar que essa completude ocorre em termos simbólicos, o que significa que ela não sobrevive aos limites da poesia. O episódio da Ilha encerra a narração das navegações portuguesas, mas não o poema. Ao final deste, as divindades e a Ilha não escapam da revelação de seu caráter eminentemente poético:

Que as ninfas do oceano, tão fermosa,  
Tétis e a ilha angélica pintada,  
Outra coisa não é que as deleitosas  
Honras que a vida fazem sublimada<sup>17</sup>

O narrador descreve que a função destes elementos é, antes de tudo, simbólica, um artifício para honrar os feitos dos heróis. A total mitificação destes ocorre através de sua entrada no espaço mítico.

---

<sup>15</sup> CAMÕES, 1986. p. 198.

<sup>16</sup> SENA, 1962. p. 7.

<sup>17</sup> CAMÕES, 1986. p. 5.

Camões demonstra com o episódio da Ilha dos Amores que a poesia, através do “esforço e arte”, é capaz de forjar o espaço ideal. Ao mesmo tempo, a função catártica desse episódio representa uma solução poética não apenas para o poema ou para a obra em geral, mas sobretudo para aquilo que ambos descrevem: o desconcerto do próprio real.

## **O espaço mítico em “Sôbolos Rios” e no episódio da Ilha dos Amores**

“Ilha dos Amores e Sião são os pólos inconciliáveis da sua aventura humana e espiritual, mas essa inconciliação é o motor profundo de sua poesia (...)”

Eduardo Lourenço

Podemos observar nos poemas estudados que o espaço mítico retrata o lugar ideal, o qual permite a experiência da totalidade e da harmonia e, por isso, funciona como um contraponto à descontinuidade e imperfeição da realidade. Contudo, ao contrário do que se poderia esperar, a eleição de lugares ideais não implica uma postura transcendentalista ou ascética por parte da poética camoniana. Nesses poemas, o paraíso mítico revela o desejo de um homem, que preso ao mundo desconcertado, sonha com a perfeição, mas desconfia da possibilidade de alcançá-la. Por isso, a visão do paraíso irá antes revelar as falhas do real que apontar-lhe uma saída .

Sião e a Ilha dos Amores assemelham-se, sobretudo, por serem criações da imaginação poética, capaz de fazer “voar a memória” à pátria ideal ou de tornar possível, através de “esforço e arte”, o sonho da completude humana. A realização do ideal ocorre apenas nos limites da poesia. A Ilha é revelada como sendo uma alegoria e Sião, uma construção da memória, o que implica dizer que em ambas, o ideal permanece como vontade de perfeição somente. Mesmo em “Sôbolos Rios” – que por manifestar o desejo de ascese foi apontado pela crítica como representativo do neoplatonismo de Camões – prevalece a incompletude e a degradação do mundo ao invés da realização otimista da transcendência. O eu-lírico continua exilado, preso à existência real.

A poética camoniana constrói-se sob a insígnia do paradoxo, da dialetização e problematização constante das idéias, aproximando-se antes

da filosofia humanista que do neoplatonismo de sua época. Logo, torna-se ainda mais difícil aceitar que sua poesia represente, exclusivamente, uma opção idealista ou transcendentalista. O poeta trabalhou o desconcerto em todos os níveis da criação artística, de forma que este é tratado não apenas como tema, mas determina a própria estrutura da composição. Nos poemas de Camões, as idéias estão em constante embate, ora elas se contrapõem, ora ocorrem sob paradoxos insolúveis e, assim, escapam a qualquer abordagem interpretativa monologizante. Sob esse ponto-de-vista elas refletem as contradições existentes no próprio espírito humano. Como bem precisou Eduardo Lourenço em seu texto “Camões Actéon”, a poética camoniana define-se por um “movimento interno” caracterizado pela união indissolúvel de opostos, de modo que “esses poemas não desenham um Camões, ora místico ora sensual, ora platônico ora realista, mas uma consciência poética (e sem dúvida humana), na qual os opostos se combatem e se amam numa dialética sem vencedor”<sup>18</sup>. Isso nos leva a pensar que a melancolia e a desilusão camoniana nasceriam dessa contradição intrínseca a sua visão-de-mundo.

O poeta segue cantando o amor e a perfeição, nunca totalmente alcançadas pelo sujeito que continua no desejo irrealizado. Aquilo que é exaltado como maior bem pode ser fonte da mais profunda dor, pelo fato de ser inalcançável. O homem camoniano não se satisfaz em somente contemplar o amor ou o lugar ideal, ele quer efetivamente alcançá-lo:

Ó tu, divino aposento;  
Minha pátria singular,  
Se só com te imaginar  
Tanto sobe o entendimento,  
Que fará se em ti se achar?<sup>19</sup>

Essa procura é o tema de “Sôbolos Rios” e de grande parte da lírica camoniana. A melancolia que marca esse poema nasce do desespero do homem que se vê irremediavelmente afastado do ideal. Por outro lado, o desejo não satisfeito é aquilo que engendra o poema onde, pelo exercício da imaginação, o sujeito pode ter acesso ao mundo ideal. No entanto, ele não se contenta com o puro imaginar – como o demonstra a questão presente no verso acima – e permanece desejando e produzindo poesia.

---

<sup>18</sup> Lourenço, 1983. p. 27.

<sup>19</sup> CAMÕES, 1995. p. 85.

Podemos afirmar que a poesia lírica de Camões é marcada, sobretudo, pela angústia do sujeito diante de uma realidade problemática. Entre o terreno e o sagrado, entre o real incompleto e a totalidade divina, ele busca a conciliação desses pólos através da poesia. A estrutura que a conforma só poderia ser, então, dialética e paradoxal, efeito da percepção de mundo que a engendra e da união de experiências algo contraditórias que ela procura realizar.

Retomando o que viemos afirmando até então: tanto Sião quanto a Ilha dos Amores, apesar de lugares idealizados da experiência da completude, não implicam na transcendência. No primeiro poema, a transcendência ao mundo ideal é impossibilitada pela submissão do homem à sua própria condição humana, ou seja, à experiência profana. No segundo poema, o paraíso antes sintetiza a experiência da totalidade humana – através da saciedade dos desejos do corpo e do espírito – que a ascese espiritual. Além disso, em ambas as composições o paraíso mítico é definido como uma criação do engenho, da imaginação, em suma, da arte poética. Ao transcendentalismo se opõe o artifício. Dessa forma, ambas as composições podem ser lidas como um grande elogio ao poder da poesia, como única capaz de forjar o espaço da completude.

Esse elogio torna-se ainda mais evidente em algumas passagens de “Sôbolos Rios”, nas quais o eu-lírico coloca-se a discorrer, de forma metalingüística, sobre o canto e seu poder de influir no indivíduo e no mundo:

Frauta minha que, tangendo,  
Os montes fazíeis vir  
P'ra onde estáveis, correndo,  
E as águas, que iam descendo,  
Tornavam logo a subir.<sup>20</sup>

Sião a todo o momento é definida como lugar de um passado mítico para sempre perdido, e somente atualizado fugazmente pela memória. A ascese é descrita como uma possibilidade apenas àqueles que conseguirem transpor os vícios de Babel, ou seja, aos que vencerem a sedução do mundo e os apelos da carne “filha de Babel tão feia”. No entanto, o poema não descreve o subjugo da carne pelo espírito, ao contrário, ele

---

<sup>20</sup> CAMÕES, 1995. p. 77.

pontua a continuidade do desejo por uma ascense que não se realiza. O paraíso celeste tão celebrado aparece antes como uma promessa para quem consiga viver na justeza e penitência que mandam os desígnios divinos, que como uma certeza futura. No entanto, o eu-lírico fala a partir de seu exílio e não do lugar do regozijo, pois sua realidade é a Babel degradada. Ao demonstrar a insuperabilidade da condição humana e o afastamento do sagrado, o poema constrói-se num viés humanista.

No episódio da Ilha dos Amores também é feito um elogio à poesia sob diversos aspectos. Destacaremos, sobretudo, como isso ocorre através da conjunção que ela promove entre o mítico e o histórico. Ao congregiar os dois planos narrativos do poema, esse episódio impõe-se como o ponto fundamental da epopéia, pois, promove a mitificação da história da nação portuguesa através da consagração dos seus heróis. Como já explicitado, ao colocar no mesmo plano o divino e o humano, a Ilha realiza a mitificação dos navegadores. Esse processo de mitificação, todavia, só é possível pela apropriação criadora da história pela poesia.

Ao final do canto X o poeta expõe, através da fala de Vênus, que as divindades todas são uma espécie de convenção poética, ou antes mitos criados pelos próprios homens, ressaltando, portanto, sua função eminentemente artística:

Aqui, só verdadeiros, gloriosos  
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,  
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal e cego engano.  
Só para fazer versos deleitosos  
Servimos; e, se mais o trato humano  
Nos pode dar, é só que o nome nosso  
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.<sup>21</sup>

Estendendo essa afirmação para o contexto da Ilha, que sendo uma construção dos deuses compartilha com eles sua condição fabulosa, percebemos que também ela se coloca no poema como convenção poética, artifício. Assim, a Ilha dos Amores define-se como uma espécie de metáfora da mitificação promovida pelo próprio poema. Ademais, ela funciona como uma afirmação positiva do indivíduo e de sua totalidade:

---

<sup>21</sup> CAMÕES, 1995. p. 212.

corpo e espírito. Nela será quebrado o interdito cristão do conhecimento, responsável pela condenação do homem à errância e à incompletude dado o rompimento do pacto com o divino. A ilha, dessa forma, figura a possibilidade da experiência plena do humano, pois, sacia tanto seu desejo pelo profano quanto pelo sagrado. A congregação do mítico com o histórico implica a união do divino e do humano num mesmo lugar, de modo que a ilha acaba por apontar para uma experiência simbólica da totalidade.

Percebemos que nesse episódio o encontro amoroso e o acesso ao paraíso mítico são acontecimentos que simbolizam a mitificação dos heróis. Por outro lado, em “Sôbolos Rios”, essas experiências seriam não só interditas pela moral cristã, como também funcionariam enquanto uma barreira ao paraíso mítico. Portanto, na ilha tanto é realizada a comunhão – impossibilitada em “Sôbolos Rios” pelo fato de a terra prometida encontrar-se eternamente no passado mítico – como é solucionado o problema da eterna luta entre a carne e o espírito. Ou seja, o episódio da Ilha dos Amores lança luz sobre a problemática central da obra camoniana, e parece estar mais próxima a uma especulação humanista (ou antes, sobre o homem) e a uma reflexão poética, que à filosofia platônica ou neoplatônica unicamente.

Ambos os espaços míticos retratam a busca pelo lugar da harmonia possível e acabam por revelar o descontentamento com a existência e com o real. Sião representa o ideal da realização do espírito, já a Ilha sintetiza a realização do ser humano em sua totalidade. Tanto um poema quanto o outro revelam o desejo de ver a dissonância (do homem e do mundo) resolvida, mas ao final levam a crer que nem pela forma é possível suprimir a incoerência do mundo. Neste sentido, talvez a ilha tenha conseguido chegar mais próximo dessa harmonia, porque mais obviamente cumpriu o seu papel de símbolo, de artifício. A poesia camoniana descreve a procura pela satisfação tanto das necessidades da carne quanto do espírito, mas, por não alcançá-las, revela sempre o oposto: a frustração humana. Acima de tudo prevalece a constatação do desconcerto do mundo que impede tanto a realização do desejo quanto a transcendência do mundo terreno. O que resta ao poeta, então, é a imaginação poética capaz de forjar na arte – mesmo que fugazmente – aquilo que o real nega.



## **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Sônia Maria Viegas. Fundamentos Filosóficos da Obra de Camões. In: *Estudos Camonianos*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1983. p. 35-54.

CAMÕES, Luis de. *Lírica*. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.

CARVALHO, Fernando. A Concepção do Herói em Os Lusíadas. Araraquara: Unesp, 1983. p. 57-62.

HESÍODO. *Teogonia – a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. Camões-Actéon. In: *Poesia e Metafísica*: Camões, Antero, Pessoa. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

MENDES, João. O Platonismo de Camões. In: *Camões e o Pensamento Filosófico de seu Tempo*. Lisboa: Prelo, 1979. p. 11-150.

MOREIRA, Zenóbia Collares. *A Poesia Maneirista Portuguesa*. Natal: Central de Cópias, 2001.

NAMORADO, Egídio. Camões: poeta-filósofo? In: *Camões e o Pensamento Filosófico de seu Tempo*. Lisboa: Prelo, 1979. p. 19-37

SENA, Jorge de. *A estrutura de Os Lusíadas e a poesia peninsular renascentista*. Lisboa: Verbo, 1962.

TRINGALI, Dante. Mitologia de Os Lusíadas. In: *Camoniana*. Araraquara: Unesp, 1983. p.1-22.

VICTÓRIA, Luiz A. P. *Dicionário Básico de Mitologia*: Grécia, Roma, Egito. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

## **Resumo**

O presente trabalho pretende efetuar um estudo comparativo entre o poema lírico “Sôbolos Rios” e o episódio referente à Ilha dos Amores narrado no canto IX de “Os Lusíadas”. Ambos têm como temática principal o espaço mítico que no poema é representado por Sião, a terra prometida do mito judaico, e na epopéia afigura-se na Ilha dos Amores, local de encontro entre o divino e o humano. Procuraremos analisar o sentido que o espaço mítico irá tomar nessas obras, bem como suas implicações para a poética camoniana.

## **Abstract**

The present work intends to effect a comparative study between the lyric poem “Sôbolos Rios” and the episode referring to the Ilha dos Amores as narrated through Canto IX of “Os Lusíadas”. Both have as a principle theme the mythic space, which is represented in the lyric poem by Sião, the promised land of Jewish myth, and in the epic poem by Ilha dos Amores, a place where the divine and human meet. We attempt to analyse the sense of this mythical space, as well as its implications for the literary construct of Camões.